

ça André ao derradeiro capítulo onde ele próprio e sua escrita, que neste momento, assume tons absurdos, beckettianos mesmo, remete-nos ao capítulo anterior onde se destacam estas palavras de Artaud a Van Gogh: “...É preciso um exército de gente amesquinhada para conduzir o corpo ao gesto contranatura que é privar-se de sua própria vida” (Q, p. 59).

Anexações. *Antonin Artaud, meu próximo* traz no anexo um entrevista imperdível com André Queiroz, na qual sua coragem, de homem, de intelectual, também, enuncia verdades insuportáveis para o estado das coisas na Universidade e na submissão das pesquisas acadêmicas aos temas e áreas referendados por agências de fomento. Enquanto em *Nise, arqueóloga dos Mares*, Bernardo oferece um intricado bordado de referências de trabalhos escritos e imagéticos, tecido por Nise e por pessoas que mergulharam na luta contra o encarceramento de gente, seja que palavra isto possa assumir quando está em jogo administrar, gerir e governar vidas.

Se a loucura enuncia verdades insuportáveis como explicitou Artaud é preciso ter presente que ele também insistia na inapreensível afirmação: *a vida é de queimar as questões*.

o singular maurício tragtenberg | lúcia soares*

Antonio Ozaí da Silva. *Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária*. Ijuí, Unijuí, 2008, 344 pp.

Em 1994, eu estava no último ano da Faculdade de Ciências Sociais — PUC/SP quando soube que Maurício

* Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol.

O singular Maurício Tragtenberg

Tragtenberg lecionaria uma matéria de Ciência Política. Fui cedo fazer matrícula no seu curso, a ansiedade minha e dos outros estudantes crescia, não víamos a hora de conhecer em “carne e osso” o mestre, o intelectual e autodidata Maurício Tragtenberg. No primeiro dia de aula, surpresa: entra um homem de idade, simples, cabelos grisalhos desgrenhados, usando óculos e andando de calça jeans, sua voz mansa e baixa, se pôs a falar durante uma hora e meia fazendo sua apresentação. Não trouxe nada em suas mãos, nenhum livro, não precisava. Quando citou pensadores, períodos, acontecimentos históricos e políticos, ficamos todos absortos pela sua erudição.

Um dia o professor Maurício Tragtenberg chamou minha atenção, ficou bravo, mas depois me disse para pesquisar Maria Lacerda de Moura; recomendou que ligasse para seu amigo Jaime Cubero e me falou rapidamente sobre o CCS (Centro de Cultura Social). Naquela época, eu não sabia quem era Maria Lacerda de Moura, tampouco Jaime Cubero e sequer tinha conhecimento da existência do CCS. Ali começou uma simpatia mútua. Suas aulas eram carregadas pelo seu humor cáustico e críticas mordazes, que davam o tom da sua reflexão analítica da sociedade; dos efeitos do poder sobre a academia; da burocracia educacional, sindical, partidária; das distinções entre trabalho intelectual e trabalho físico; entre outras surpreendentes abordagens frequentes.

Como professor, Maurício Tragtenberg não tratava estudantes como alunos-clientes, tinha aversão às escolas-empresas tão disseminadas hoje em dia, muitas das quais iniciaram suas atividades com o apoio do regime militar. Ele mesmo observou a maneira como a ditadura implementou “o processo de *expansão pela privatização*” ao apresentar o livro, *A Empresa Cultural*, de Carlos Benedito Martins, e depois republicada em seu livro *Sobre a Educação, Política e Sindicalismo*. Ali criticou também a disparidade entre a universidade pública

e a universidade privada: a primeira como detentora do conhecimento e pesquisa; a segunda como reprodutora de conhecimentos disponíveis para serem consumidos instantaneamente.

Tragtenberg sempre incentivou os estudantes a ler e pesquisar livremente assuntos, obras, autores e pensadores. Estimulou, sobretudo, a não ser conformista, e essa é uma das infinitas possibilidades da pedagogia libertária que Ozaí da Silva se refere em *Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária*.

Antonio Ozaí da Silva, concluiu o mestrado com Maurício Tragtenberg, é professor de História, leciona na Universidade Estadual de Maringá/Paraná. Na internet mantém um blog e a revista eletrônica *Espaço Acadêmico* além de participar do Neils — Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais na PUC-SP. O desafio a que ele se propôs na pesquisa e redação sobre a história da vida de Tragtenberg está no contexto de não pretender instaurar uma biografia definitiva ou uma totalidade em busca de delimitar ou resumir sua vida e obra, mas apresentar as singularidades do biografado, suas contribuições e práticas libertárias.

Em cinco capítulos, Ozaí da Silva discorre sobre o que ele chama de militante e pedagogo libertário: “analisar a contribuição de Maurício Tragtenberg à Pedagogia Libertária” e situar sua abordagem “na experiência e práticas pedagógicas vinculadas à tradição dos libertários, anarquistas e anarco-sindicalistas” (p. 17).

Entretanto, não está em jogo rotular Maurício Tragtenberg, enquadrá-lo numa categoria, afirmar ou discutir se ele foi um anarquista, marxista ou seguidor de Weber. Pelo contrário, o livro mostra as suas diversas contribuições que proporcionaram liberdades para pensar e agir aos movimentos sociais, trabalhadores sindicalizados ou não, e estudantes ao problematizar estigmas, assujeitamentos, dominação,

O singular Maurício Tragtenberg

utilizando-se dos pensadores anarquistas, assim como de Marx e Weber.

Maurício Tragtenberg nasceu na Colônia Erechim, na cidade de Passo Fundo — Rio Grande do Sul. Neto de judeus camponeses vindos da Bessarábia — uma província fronteiriça com o antigo Império Russo — cresceu num ambiente rural, envolto pela cultura judaica fortemente religiosa. Garoto, frequentou a escola e a biblioteca local e por conta do avô tomou contato com a literatura russa influenciada pela Revolução Makhnovita na Ucrânia.

Ainda criança, iniciou seus estudos sobre os anarquistas Nestor Makhno, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin que influenciariam seu pensamento. O interesse constante sobre a Revolução Russa de 1917 o levou anos depois a pesquisar e escrever sobre esse tema vinculado à sua própria origem, para mostrar com outro *olhar* os processos da revolução, os resistentes ao bolchevismo de Trotsky e Lênin e a maneira como os dois abririam caminho para a ditadura stalinista.

As leituras iniciadas na infância se ampliam e tomam outro rumo quando a família Tragtenberg sai do Rio Grande do Sul para São Paulo. Nesta cidade, morando no bairro do Bom Retiro, o jovem Maurício Tragtenberg trabalhava como escrivão e frequentava a Biblioteca Mário de Andrade. A efervescência daquele ambiente contribuiu para sua convivência com diversas pessoas — muitas que se tornaram amigos —, intelectuais, professores e estudantes. Como enfatiza Ozaí da Silva: “os anos de aprendizado de Maurício, no sentido da sua formação-intelectual, correspondem às *suas universidades*” (p. 64).

Segundo Ozaí da Silva foi na Biblioteca Mário de Andrade que Tragtenberg conheceu a política organizada, primeiro com o PCB depois com o PSB, experiências não duradouras, porque ele divergia e criticava o pensamento autoritário stalinista que proi-

bia a convivência com outras pessoas e militantes de esquerda que não comungassem da mesma cartilha. O jovem Tragtenberg era irrequieto e não cabia dentro de um partido, sua atenção voltava-se para problematizar a burocracia partidária. Nesta época passou a ler Proudhon e Rosa Luxemburgo, que o levaram a questionar a doutrina trotskista, que considerava um “stalinismo mais intelectualizado” (p. 74).

Fora de partidos políticos e questionando os autoritarismos, Maurício Tragtenberg conheceu pessoalmente militantes da Revolução Espanhola, que haviam lutado contra o general Franco. Estes libertários encontravam-se no Centro Republicano Espanhol, Centro Catalão e o CCS, onde conheceu o amigo para toda sua vida: Jaime Cubero. “Maurício se tornaria um libertário e consolidou relações de amizade (...), mantendo-se vinculado à proposta político-pedagógica do Centro de Cultura Social e participando das suas atividades” (p. 83).

Ozai da Silva narra como Tragtenberg iniciou seus estudos universitários, valendo-se de uma lei federal que permitia àquele que escrevesse uma monografia e a apresentasse para uma banca, prestasse o vestibular. Na USP fez um ano de Ciências Sociais, deixou o curso, para cursar História. Nos anos 1960, já formado, passou a lecionar numa escola em Iguape e na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto.

O ano de 1964 foi denominado por ele como: “o pior ano da minha vida” (p. 90). Os militares invadiram sua casa e levaram todos seus livros. Com a promulgação do AI-1 foi considerado “subversivo” e demitido da Faculdade de Rio Preto pelo governo do Estado de São Paulo. Em seu depoimento no vídeo comemorativo dos 25 anos da Faculdade de Ciências Sociais afirmou: “Foucault antes de escrever *Vigiar e punir* deve ter sobrevoado São José do Rio Preto”, numa referência concisa sobre o controle, vigilância e delação instauradas naquela época. Entre 1964 e 1968, afirmou ter feito “curso de extensão uni-

versitária nas delegacias de polícia de Rio Preto e São Paulo” (p. 92).

Nesse período difícil, Ozaí da Silva descreve o apoio que Maurício Tragtenberg obteve de inúmeros amigos e pessoas que ele sequer poderia imaginar que fossem lhe ajudar. Foi assim que em 1966, a PUC-SP acolheu Maurício Tragtenberg como professor de História na Faculdade de Ciências Sociais — Departamento de Política. Em 1968, ele ingressou na FGV-SP como professor de Sociologia aplicada à Administração. Porém, como vinha sendo perseguido, a universidade resolveu desligá-lo.

Segundo Ozaí da Silva, diante do descontentamento e da tirania, Tragtenberg entrou em colapso nervoso, foi internado; mas ao invés de morrer, teve forças para escrever no hospital o primeiro capítulo da sua tese de doutorado *Burocracia e Ideologia*, que posteriormente seria um dos seus livros mais conhecidos, citado e adotado, inclusive em cursos de Administração.

Como intelectual Maurício Tragtenberg sempre questionou a divisão entre “saber operário e saber intelectual”. Escrevia em jornais de grande circulação como Folha de S. Paulo, mas o seu percurso o levou a escrever no jornal *Notícias Populares*, chamado por muitos de imprensa marrom, mas um jornal de grande apelo popular. Durante anos manteve a coluna semanal *No Batente*, endereçada aos trabalhadores oprimidos, assujeitados, subestimados e excluídos tanto das fábricas quanto da sociedade, respondia cartas e dava visibilidade para os *despercebidos*.

Dar voz a homens e mulheres, minorias, era o que ele fez anos a fio. É assim que Ozaí da Silva mostra a atuação e dedicação de Tragtenberg ao operar em dois pólos: na academia, orientando estudantes e pesquisadores, traduzindo e organizando coletâneas, divulgando nomes e pensamentos anarquistas e também como ativista e intelectual discutindo e orientando trabalhadores, enfa-

tizando a autonomia e auto-organização, contra a representação sindical e partidária; contra o “cassetete democrático” (p. 130), que apenas servia para acabar e calar greves. Em tempos atuais de reivindicações, capturas e acomodações dos movimentos sociais, que não resistem, mas participam fervorosamente do Estado, é como se Maurício Tragtenberg fizesse parte de outro mundo.

Em “A delinquência acadêmica”, republicada em 2002, na revista *Verve* n. 2, Tragtenberg criticou a academia, sua neutralidade, técnicas e fins que justificam uma pedagogia burocrática. Descreveu minuciosamente a maneira com a qual as instituições passaram a atuar como empresas valendo-se de “critérios mercadológicos”, vendendo um produto, isto é, conhecimento àqueles que podem investir, consolidando, assim, o aluno como cliente e inflando o controle burocrático, compondo o que ele denominou delinquência acadêmica. Segundo Ozaí da Silva: “o *delinquente acadêmico* tem a capacidade singular de privilegiar meios, desconsiderando os fins (...)” (p. 244).

Maurício Tragtenberg foi também um crítico ferrenho da administração escolar, da sua produção e profusão de estigmas. Ozaí da Silva aborda como Tragtenberg, problematizou o investimento das instituições escolares em vigiar e punir os alunos rebeldes, “*problemáticos*” (p. 257), para serem enquadrados ou expulsos da escola caso não obedecessem à autoridade e não seguissem a hierarquia. Em contrapartida, a domesticação, a inculcação, o investimento no bom aluno, em nome dos assujeitamentos, docilidades, prevalecem fundamentando recompensas e méritos. Neste sistema impera o exame; a valorização do papel do “professor-policia” alinhado a uma pedagogia repressiva.

Ozaí da Silva, ao longo do livro mostra como Maurício Tragtenberg atravessou várias experiências libertárias, fez e aconteceu; foi um homem que não aceitou nenhum tipo de autoritarismo, nem de esquerda nem de direita. A maneira como pôs em prática o seu pensamento

libertário, numa perspectiva anti-autoritária e solidária leva o leitor a compreender por que influenciou pessoas, deixou sua marca e dá saudades. O autor, procurou se despir de elogios a Tragtenberg, para analisar sua pedagogia libertária.

Ler este livro é saudável para quem se depara com a onda do conformismo disseminada na atualidade e dela quer escapar. É para sacudir os jovens sorumbáticos que acreditam única e exclusivamente na participação democrática, conformados e confinados. É para professores burocráticos e empertigadinhos. Para sábios da ocasião. Para se rebelar. Mas será que esses caras querem saber disso? Maurício é para heterodoxos, libertários e anti-pluralistas. Para Tragtenberg, o pluralismo era a nova ideologia dos conservadores.

política e a organização das ilegalidades contemporâneas | edson passetti *

Jeremy Scahill (2008). *Blackwater*. Tradução de Cláudio Carina e Ivan Weiz Kuck. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 548 pp.; Misha Glenny (2008). *McMáfia*. Tradução Lucia Boldrini. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 440 pp.; Roberto Saviano (2006). *Gomorra*. Tradução de Elaine Niccolai. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2008, 350 pp.

Três livros escritos por jornalistas chamaram a atenção entre as publicações lançadas no Brasil no ano de 2008. Foram eles: *Blackwater*, *McMáfia* e *Gomorra*. O

* Edson Passetti é professor na Faculdade de Ciências Sociais na PUC-SP, coordena o Nu-Sol e é autor entre outros livros de *Anarquismos e sociedade de controle* (São Paulo, Cortez, 2003), *Anarquismos urgente* (Rio de Janeiro, Achiamé, 2007) e em parceria com Acácio Augusto, *Anarquismos e educação* (Belo Horizonte, Autêntica, 2008).